A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E TEMPO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Karime Chaibue[1]

Pesquisas têm demonstrado que pessoas de diferentes línguas, apresentam maneiras distintas de representação mental, tal fato é justificado pela relação intrínseca da linguagem com o pensamento. Entre as diferenças encontradas dessas formas de representação mental, existe a relação entre espaço e tempo, a qual é refletida nas falas e gestos das pessoas. Fatores cognitivos, sociais e culturais são determinantes no modo de representação espaço temporal de um grupo. A concepção de linguagem encontrada na linguística cognitiva é bastante apropriada ao estudo das relações de espaço e tempo, pois considera a equivalência e a interligação da linguagem com outras habilidades cognitivas, a experiência como fator relevante para a estrutura de uma língua e a manifestação do conhecimento linguístico a partir do seu uso.

A Língua Brasileira de Sinais é a língua utilizada por um grupo minoritário - a comunidade surda brasileira, possui uma modalidade viso-espacial e seus usuários compartilham o mesmo espaço geográfico com uma sociedade predominantemente falante de uma língua oral-auditiva – a Língua Portuguesa. A especificidade do contexto comunicativo e da modalidade da Língua Brasileira de Sinais estimulam a formulação das seguintes perguntas:

- Como acontece a relação do uso do espaço como tempo em LIBRAS?

- Os surdos possuem relações entre espaço e tempo semelhantes ou distintas dos ouvintes?

A fim de responder aos questionamentos apresentados acima, este trabalho busca analisar a relação entre espaço e tempo na Língua Brasileira de Sinais sob a perspectiva da linguística cognitiva e possui como principais autores: Croft; Cruse (2004); Lakoff; Johnson (1995). Foram coletados alguns vocábulos da Língua Brasileira de Sinais referentes a tempo e a partir da observação desses vocábulos foram levantadas hipóteses sobre a forma de representação espaço-temporal realizada pelos surdos. Pretende-se por meio deste artigo contribuir para a desmistificação sobre a incapacidade de abstração das línguas de sinais e dos surdos.

Na primeira parte deste trabalho são apresentados os pressupostos básicos da linguística cognitiva. Na segunda parte explica-se sobre a interação do domínio fonte e domínio alvo na metáfora. Na terceira parte é feito uma explanação a respeito da influência cultural nas relações entre espaço e tempo. A quarta parte é composta por

[1] Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás.

uma breve análise das relações entre espaço e tempo na Língua Brasileira de Sinais a partir de alguns dados apresentados. Em seguida, as considerações finais são apresentadas na quinta parte.

1. A Linguística Cognitiva

De acordo com Croft; Cruse (2004) a linguística cognitiva começou a emergir nos anos 70, ganhou forças a partir dos anos 80 e atualmente possui uma sociedade internacional. Muitas pesquisas têm sido realizadas sob a abordagem da linguística cognitiva como: pesquisas voltadas para a sintaxe, morfologia, aquisição da linguagem, fonologia, linguística histórica e principalmente as pesquisas centradas na semântica. A línguística cognitiva tem como foco a investigação de processos cognitivos e representações mentais envolvidos nas relações entre pensamento e linguagem, está estreitamente associada à abordagem funcionalista da linguagem que é caracterizada pela concepção de uma flexibilidade da língua que segundo Cunha; Oliveira; Martelotta (2003) não pode ser analisada de forma independente, estando submetida às situações comunicativas. Seus pressupostos básicos são:

1- linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma;

2- gramática é conceptualização;

3- conhecimento de língua emerge do seu uso.

O primeiro pressuposto considera que a linguagem é uma parte constituinte da cognição e que interage com outros sistemas cognitivos, tais como: percepção, atenção, memória, raciocínio, entre outros (SILVA, 1997). Neste sentido, a linguagem não é considerada uma capacidade humana inata e nem independente de outras habilidades cognitivas gerais ou não linguísticas, justificando assim a estreita relação da linguística cognitiva com outras ciências: Antropologia, Psicologia, História e Sociologia. Aspectos cognitivos, sociais e culturais compõem a linguagem de forma que seu estudo deve ser a partir de situações usuais, pois:

> [...] a linguagem é parte integrante da cognição (e não um módulo separado) e se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais, deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, do processamento mental, da interação e da experiência social e cultural (SILVA, 2004, apud CHIAVEGATTO, 2009, p.82).

O segundo pressuposto acredita que a gramática de uma língua é resultante de processos que ocorrem no nível do sistema conceptual humano, envolvendo aspectos de nossa experiência sempre que proferimos um enunciado, procurando expressões equivalentes às situações. As construções linguísticas são processadas mediante quatro processos cognitivos gerais em diferentes âmbitos da experiência, sendo elas:

atenção/saliência, julgamento/comparação, perspectiva/contextualização e constituição/*gestalt*, de acordo com a classificação no quadro 1.1 (CROFT; CRUSE, 2004, p. 46, tradução nossa). Na próxima seção discorremos sobre uma operação construal proveniente do processo cognitivo de julgamento/comparação: a metáfora.

Quadro 1.1
Operações construais linguísticas como instâncias de processos cognitivos gerais

I. Atenção/saliência
  A. Seleção
    1. Perfil
    2. Metonímia
  B. Escopo (domínio)
    1. Escopo de predicação
    2. Domínios buscados
    3. Acessibilidade
  C. Ajuste escalar
    1. Quantitativo (abstração)
    2. Qualitativo (esquematização)
  D. Dinâmica
    1. Movimento fictício
    2. Sumário/exposição sequencial
II. Julgamento/comparação (incluindo esquemas de imagem)
  A. Categorização (frame)
  B. Metáfora
  C. Figura/fundo
III. Perspectiva/contextualização
  A. Ponto de vista
    1. Ponto de vantagem
    2. Orientação
  B. Dêixis
    1. Espaço temporal (incluindo esquemas de imagem espacial)
    2. Epistêmica (fundo comum)
    3. Empatia
  C. Subjetividade/objetividade
IV. Contituição/*gestalt* (incluindo outros esquemas de imagem)
  A. Esquematização estrutural
    1. Individualização (limitação, unidade/multiplicidade, etc.)
    2. Topologia/esquematização geométrica (recipiente, etc)
  B. Força dinâimica
  C. Relacionalidade (entidade/interconexão)

O terceiro pressuposto, o conhecimento da língua emerge do seu uso, contesta abordagens focadas na mente do falante ou ouvinte, pois para a linguística cognitiva, a função central da língua é a comunicação e a interação social. A língua é estruturada em decorrência de seu uso em situações comunicativas, sendo suas categorias e as estruturas linguísticas formadas pelos processos cognitivos gerais que utilizamos em eventos reais de uso da linguagem.

2. A Interação Do Domínio Fonte E Dominío Alvo Na Metáfora

A metáfora é uma das maiores preocupações dos linguistas cognitivos, para eles metáfora não é simplesmente uma substituição de uma expressão literal por outra com equivalência de significados. Croft; Cruse (2004, p. 194, tradução nossa) afirmam que "metáfora é o resultado de um processo especial para se chegar ou construir um significado". Este processo não é de caráter unicamente linguístico (embora normalmente seja realizado linguisticamente), mas também de pensamento e razão, no qual ocorre uma relação interativa de um domínio de origem com um significado literal e um domínio de destino com um significado metafórico. A escolha do falante por uma expressão metafórica, ao invés de uma expressão literal, é justificada por julgar que seu sentido literal não causará o mesmo resultado, visto que a metáfora possibilita uma ativação neural do conhecimento relacionado aos dois domínios em questão.

A interação entre o domínio alvo e o domínio fonte nas construções metafóricas é um tipo de mesclagem, na qual o domínio alvo é modificado devido à influência do domínio fonte, resultando num produto semântico originado exclusivamente por este caminho. Os produtos semânticos resultantes possuem níveis diferentes de produtividade e esquematização. O nível de produtividade de uma metáfora varia de acordo com que as expressões são ou não aceitas e o nível de esquematização se dá de forma hierárquica. Como exemplos de hierarquia de metáforas, Lakoff; Johnson (1980, apud CROFT; CRUSE, 2004, p. 200, tradução nossa) citam as seguintes sentenças, conforme figura a seguir (ilustração nossa):

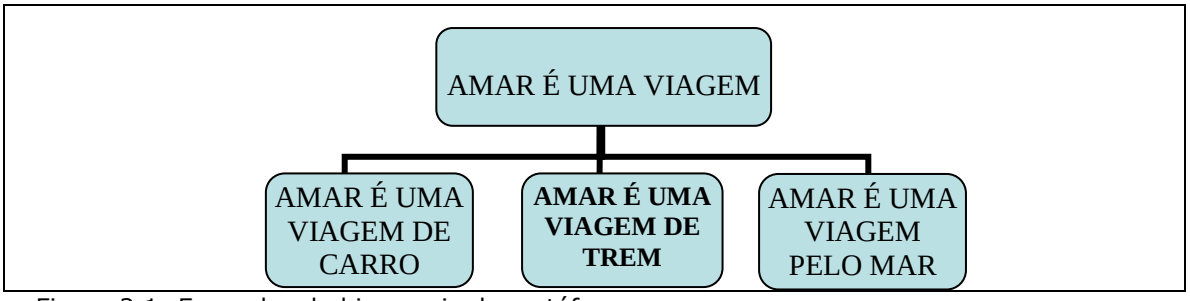

Figura 2.1: Exemplos de hierarquia de metáforas

A mesclagem ocorrida na interação entre o domínio alvo e o domínio fonte na metáfora é uma grande diferença da comparação. Enquanto a comparação considera os dois domínios e os apresentam separadamente, a metáfora mistura estes domínios primeiramente num espaço genérico que representa o que eles têm em comum e depois num espaço misturado onde houve a formação de uma nova estrutura a partir da combinação de seleção dos domínios fonte e alvo. O domínio alvo é formado para satisfazer nossos fins cotidianos, porém existe uma assimetria entre os domínios que impede a inversão deles, como visto na figura 2.1, o amor é expresso em termos de viagem, mas as viagens não são expressas em termos de amor.

Lakoff; Johnson (1995) nos alertam para o fato de que apesar da maioria das pessoas pensar que a metáfora é um recurso linguístico composto por características poéticas, esta caracterização não é obrigatória. A metáfora é baseada em experiências humanas, envolvendo além da linguagem, o pensamento e a ação. Muitas metáforas não são percebidas, pois à medida que são estabilizadas numa sociedade, enfraquecem a percepção da mistura dos seus domínios. Os autores apresentam três tipos básicos de metáforas:

1- Metáforas conceituais e estruturais - ocorre a conexão de elementos com aspectos mais abstratos no domínio alvo e elementos com características mais físicas no domínio fonte. Exemplo: Pessoas são máquinas.
2- Metáforas orientacionais - os domínios são organizados a partir de nossa experiência espacial. Exemplo: Hoje eu estou para cima; Minha moral caiu pelo chão. Me sinto para baixo.
3- Metáforas ontológicas - ocorre o entendimento de nossas experiências por uma substância ou objeto, permitindo assim a categorização, o agrupamento e a quantificação delas. Exemplo: É necessário combater o preconceito; Trabalhemos pela paz; Precisamos de uma porção dobrada de paciência.

Nos processos metafóricos acontece uma interação do corpo com o ambiente físico numa ligação direta com os aspectos culturais de um povo, podendo originar diferentes metáforas para cada grupo. Conforme Quinn e Holland (1995), a escolha de metáforas não apenas destaca elementos específicos de um modelo cultural, como também direciona para vínculos entre estes elementos, havendo propensão à rejeição as metáforas desconexas culturalmente. Independente de qual seja o tipo básico da metáfora, para que ocorra uma compreensão satisfatória desta, faz-se necessário um conhecimento da motivação contextual pertencente ao falante e ao ouvinte, caso contrário, ocorrerá um comprometimento na comunicação.

3. Influência Da Cultura Nas Relações Entre Espaço E Tempo

Lakoff; Johnson (1995, tradução nossa) afirmam que nem todos os valores culturais são existentes nos processos metafóricos, no entanto, todos os processos metafóricos possuem valores culturais coerentes com seu sistema de formação. Apesar da cultura possuir um papel determinante nos processos metafóricos, ela não é estática, podendo sofrer adaptações para a vida diária, influência da fala e poderá ainda surgir subculturas com valores básicos comuns à cultura majoritária e valores específicos distintos.

Existe uma gama de construções linguísticas com relação de espaço e tempo, nas quais os conceitos temporais são usados de forma mais concreta, por via de conceitos espaciais. Os exemplos a seguir ilustram construções metafóricas espaço temporais bastante usuais em nosso cotidiano:

1- As aulas iniciaram há duas semanas *atrás*.
2- Encontrei sua mãe há um ano *atrás*.
3- Esqueçamos o passado e começamos uma nova etapa *aqui*.
4- *Aí* inicia-se uma nova fase em sua vida.
5- Nossa relação iniciará daqui para *frente.*
6- Precisamos ir *adiante* com este trabalho.
7- Toda vez que eu vou falar, você fala na minha *frente*. (no sentido de desrespeitar a vez da pessoa falar).

As sentenças de 1 a 7 evidenciam que na Língua Portuguesa, o passado é posicionado *"para atrás"* (sentenças 1 e 2), o presente posiciona-se em proximidade com o falante ou ouvinte *"aqui / Aí"* (sentenças 3 e 4) e o futuro encontra-se numa posição *"adiante / para frente"* (sentenças 6 e 7). Estas mesmas relações de espaço e tempo são existentes nas falas e nos gestos de falantes de inglês e francês, pois eles balançam de forma inconsciente seu corpo ou estendem mãos e braços para a frente quando fazem referências ao futuro e para trás quando se referem ao passado (BORODITSKY, 2011; CIENKI; MÜLLER, 2008).

Na nossa cultura, assim como em outras, é bastante habitual a referência, mediante a fala ou a gesto, do passado para atrás, do presente próximo ao corpo e do futuro para frente, porém tal referência não é padronizada. Existem comprovações empíricas capazes de demonstrar que diferentes idiomas podem ter diferentes formas de representações espaciais em informações temporais. Foi comprovado que no idioma falado na Cordilheira dos Andes o "aimará", o passado é referido à frente e o futuro atrás, tanto verbalmente como de forma gestual. Em Pormpuraaw[2], seus nativos falam um idioma chamado "kuuk thaayorre", no qual não são usados termos espaciais como direita e esquerda, desde a idade tenra os falantes citam os termos cardeais literalmente.

Uma universidade de Califórnia realizou uma experiência com falantes de kuuk thaayorre, inglês e hebraico, solicitando aos grupos a tarefa de organizar imagens com representações temporais no chão. Os falantes de kuuk thaayorre não tiveram uma organização unânime, pois as imagens foram organizadas conforme direção na qual estavam sentados, mesmo sem ter sido comunicado tal informação a eles, por exemplo: as imagens foram organizadas da esquerda para a direita quando estavam sentados de frente para o sul; da direita para esquerda quando estavam de frente ao norte; e na

[2] Pequena comunidade aborígene na costa oeste do Cabo York, no norte da Austrália. (cf. BORODITSKY, 2011)

direção do corpo quando olhavam para o leste. Os falantes de inglês e hebraico tiveram resultados diferentes, demonstrando a influência da forma da escrita na organização das imagens, pois enquanto falantes do inglês organizaram suas imagens da esquerda para direita, os falantes de hebraico organizam as mesmas da direita para esquerda (BORODITSKY, 2011).

Cienki; Müller (2008) declaram que os gestos com representações espaciais para referir ao tempo são tão metafóricos como as construções feitas verbalmente, pois os gestos usam termos concretos (espaço) para indicar termos mais abstratos (tempo). Pesquisas têm sido realizadas com foco em metáforas do tempo como espaço em diversas línguas no mundo.

4. Analisando As Relações Entre Espaço E Tempo Na Língua Brasileira De Sinais

A Língua Brasileira de Sinais é utilizada pela comunidade surda do Brasil, sua sigla "LIBRAS", é difundida pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), utilizada pelo Ministério da Educação (MEC), nos documentos legais e por vários especialistas e pesquisadores. Existe também a sigla LSB – Língua de Sinais Brasileira, que obedece aos padrões internacionais de denominação das línguas de sinais (QUADROS, 2007), mas é menos difundida aqui no Brasil. Segundo Albres (2005) a LIBRAS teve sua origem na Língua de Sinais Francesa – LSF[3], tendo a Língua Portuguesa influenciado somente na construção lexical por serem línguas em contato.

Embora a LIBRAS e a Língua Portuguesa sejam línguas pertencentes ao mesmo território nacional, apresentam modalidades e usuários distintos. Enquanto a Língua Portuguesa apresenta uma modalidade oral-auditiva utilizada por usuários ouvintes, na LIBRAS seus usuários são predominantemente surdos, sua modalidade é visual-espacial, utiliza a visão para compreender os sinais[4] e o espaço para produzi-los. Os principais órgãos do corpo humano utilizados para produção de informação linguística na LIBRAS são as mãos, no entanto, faz-se uso também de recursos não manuais, como as expressões faciais/corporais e a direção do olhar.

Skliar (1998) argumenta que pelo fato dos surdos possuírem uma experiência visual, onde as informações são recebidas exclusivamente pela visão, ao contrário dos ouvintes que possuem uma experiência auditiva, processos culturais específicos vão surgindo a este grupo minoritário. O autor define ainda a comunidade surda como uma

---

[3] A primeira instituição de surdos no Brasil, o "Imperial Instituto dos Surdos-Mudos" foi fundada por Dom Pedro II no Rio de Janeiro, em 26 de setembro de 1857, voltado à educação literária e ensino profissionalizante de surdo do sexo masculino com idade entre 7 e 14 anos, seu primeiro professor foi Ernesto Huet, cidadão surdo francês, que utilizava a Língua de Sinais Francesa (cf. ALBRES, 2005).

[4] O que é denominado de palavra nas línguas orais-auditivas é denominado de "sinal" nas línguas de sinais. O sinal surge da combinação dos parâmetros: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e/ou corporal (cf. FELIPE; MONTEIRO, 2007).

minoria linguística em consequência do número limitado de usuários, trazendo então prejuízos a este grupo:

> [...] baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários, os quais, seguindo tal lógica discursiva, vivem uma situação de desvantagem social, de desigualdade, e **participam, limitadamente**, na vida da sociedade majoritária (SKLIAR, 1998, p.22, grifo nosso).

A participação limitada da comunidade surda na sociedade ouvinte majoritária, bem como a diferença entre a modalidade das línguas dos dois grupos em questão, poderá acarretar diferenças nas construções linguísticas em LIBRAS com uso do espaço como tempo? Ou mesmo diante destas peculiaridades, os surdos possuem relações de espaço e tempo (explicadas anteriormente) semelhantes às do ouvinte?

Para responder a estas perguntas, observemos as figuras a seguir, as quais ilustram sinais com informações temporais da Língua Brasileira de Sinais que foram retirados predominantemente de um dicionário virtual. Os léxicos da LIBRAS serão representados por letras maiúsculas da Língua Portuguesa (cf. FELIPE; MONTEIRO, 2007).

Fig. 4.1: ANTES (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.2: ANTEONTEM (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.3: ANTIGO/FAZ MUITO TEMPO (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.4: JÁ (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.5: ONTEM (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.6: PASSADO (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.7: AGORA (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.8: HOJE (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.9: AMANHÃ (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.10: ATRASAR (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.11: DEPOIS (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.12: FUTURO (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

Fig. 4.13: PRÓXIMO (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

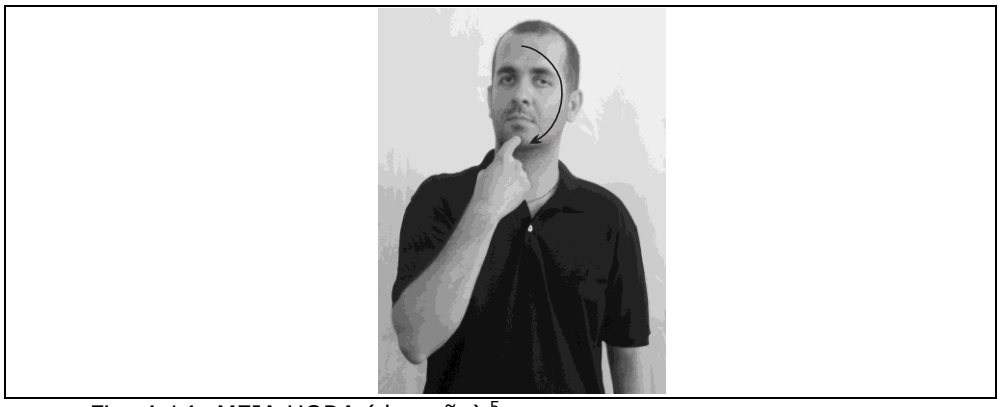

Fig. 4.14: MEIA HORA (duração) [5]

[5] Agradecemos ao Instrutor de LIBRAS Quinzzuca Ferreira de Carvalho (surdo) pela cessão do direito de divulgação de sua imagem.

Fig. 4.15: UMA HORA (duração) (http://www.acessobrasil.org.br/libras/)

As figuras de 4.1 a 4.6 mostram sinais referentes ao tempo passado e com exceção da figura 4.4 (JÁ) que o sinal é feito com movimento para baixo, todos os sinais são feitos com movimentos para atrás do corpo da pessoa sinalizante.

As figuras 4.7 e 4.8 mostram sinais referentes ao tempo presente, respectivamente: AGORA e HOJE. Os sinais são bastante semelhantes, sendo ambos realizados de forma horizontal e rente ao corpo da pessoa sinalizante.

As figuras 4.9 a 4.15 são ilustrações de sinais relacionados ao tempo futuro e dos sete sinais apresentados, cinco deles: AMANHÃ, ATRASAR, DEPOIS, FUTURO, PRÓXIMO são sinalizados com movimentos para a frente do corpo da sinalizante. As figuras 4.14 e 4.15 mostram respectivamente os sinais: MEIA HORA, UMA HORA que são realizados rente ao corpo com movimentos no sentido horário – da esquerda para a direita. O movimento do sinal AMANHÃ além de ser para frente é também da esquerda para a direita. O sinal FUTURO apresenta ainda um movimento para cima na diagonal.

Os dados apresentados nos apontam uma semelhança nas construções línguísticas em LIBRAS e Língua Portuguesa, bem como gestos feitos por ouvintes, no que se refere à relação de espaço como tempo, pois nas duas línguas houve uma predominância do passado ser remetido para atrás, o presente próximo ou rente ao corpo e o futuro para frente. Acreditamos que a modalidade da LIBRAS e a experiência extremamente visual dos seus usuários surdos possibilitam uma maior exploração do espaço ao fazer referências ao tempo, pois alguns sinais possuem movimentos da direita para esquerda (o que pode ter como influência o sentido horário e/ou a escrita), para baixo e para cima. Esta breve análise de dados nos instiga a refletir sobre a afirmação de Skliar (1998) quanto à existência de traços culturais específicos de um grupo minoritário de pessoas surdas, e a refletir ainda na afirmação de Lakoff e Johnson (1995) a respeito da existência de subculturas com valores básicos comuns e valores específicos distintos à cultura majoritária.

5. Considerações Finais

Os pressupostos básicos da línguistica cognitiva são de extrema significância para as pesquisas sobre as línguas de sinais. As considerações encontradas nestes pressupostos como: a linguagem sendo uma habilidade cognitiva interligada a outras habilidades gerais, a influência das experiências na estrutura da língua e o conhecimento da língua emergir do seu uso, podem contribuir para um paradigma de pesquisas, no qual tenha como foco uma análise totalmente voltada para as especificidades das línguas de sinais e dos seus contextos comunicativos de um grupo minoritário.

A concepção cognitiva de metáfora como um recurso de pensamento e ação ligada às experiências de um grupo, ultrapassa a visão da maioria das pessoas sobre a metáfora apenas como um recurso linguístico e composição poética. O estudo sobre o processo metafórico ocorrido entre domínio fonte e domínio alvo para a obtenção de um significado nos auxilia a identificar metáforas na LIBRAS, neste caso em especial, as com utilização do espaço como tempo. A identificação de metáforas orientacionais na LIBRAS poderá ajudar na desmistificação de que as línguas de sinais, assim como os surdos, são incapazes de expressar ideias abstratas.

Os dados expostos neste artigo nos alertam para o poder de influência que a nossa experiência cultural tem sobre a língua e do poder de influência que a língua tem sobre nosso comportamento, pois segundo Silva (2004, apud CHIAVEGATTO, 2009) a linguagem é intrínseca à cognição e se estabelece em relações cognitivas, sociais e culturais.

Este trabalho de modo algum teve a intenção de esgotar o estudo das relações entre espaço e tempo na LIBRAS, ao contrário, pretende-se por meio deste estimular o desenvolvimento de novas pesquisas capazes de buscar um número maior de dados, uma análise minuciosa do contexto de enunciação de dados e uma comparação entre metáforas orientacionais de diversas línguas de sinais, analisando semelhanças e diferenças com as línguas orais em territórios compartilhados.

6. Referências

ALBRES, N. A. História da língua brasileira de sinais em Campo Grande – MS. *Arara Azul*, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo15.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2011.

BORODITSKY, L. *Como a linguagem modela o pensamento*. Diferentes idiomas afetam de maneiras distintas a percepção do mundo, 2011. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/como_a_linguagem_modela_o_pensamento.html>. Acesso em: 01 ago. 2011.

CIENKI, A.; MÜLLER, C. Metaphor, Gesture, and Thought. In: GIBBS, R. W. J (Org). *The Cambridge handbook de metaphor and thought.* New York: Cambridge University Press, 2008. p. 483-501.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 77-96, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a03.pdf>. Acesso em 25 jul. 2011.

CROFT, W; CRUSE, A. *Cognitive linguistics.* 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E.; *Linguística funcional*: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *Libras em contexto:* curso básico: livro do professor*.* 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

LAKOFF, G.; Johnson. M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

QUADROS, R. M. *O tradutor de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

QUINN, N.; HOLLAND, D. Culture and cognition. In: _____. *Cultural models in language and thought*. 6. ed. New York: Cambridge University Press, 1995. p. 3-40.

SILVA, A. S. A linguística cognitiva – uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997. Disponível em: <http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>. Acesso em: 26 jul. 2011.

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: _____ (Org.). *A surdez:* um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

LIRA, G. A; SOUZA, T. A. F. *Dicionário de Libras,* Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>. Acesso em: 24 jul. 2011.